

OS CAMINHOS DO ORIENTE E DO OCIDENTE: UMA ABORDAGEM FILOSÓFICA

Raquel MOUSCHOVITZ
IFCS-UFRJ

RESUMO

A autora examina comparativamente o conceito de Ser em Platão e Husserl e o conceito de Ser no **Vedanta**, buscando estabelecer relações entre estas formas de compreensão metafísica.

RÉSUMÉ

L'auteur présente un étude comparatif entre le concept d'Être chez Platon et Husserl et le concept d'Être chez la philosophie Vedanta; il cherche à établir des relations entre ces deux formes de compréhension métaphysique.

O objetivo desta palestra¹ é fazer uma reflexão sobre o conhecimento do Ser segundo duas perspectivas ocidentais e também segundo uma perspectiva oriental, a de Vedanta. Há algum tempo venho desenvolvendo esse trabalho, tentando indicar pontos que possam estabelecer relações entre estas formas de compreensão metafísica.

Para tanto, abordarei, de um lado, duas grandes figuras da filosofia ocidental. Uma antiga a de Platão e outra figura contemporânea,

Edmund Husserl, o pai da fenomenologia. A fenomenologia é aqui ressaltada devido à sua grande significação desde que desencadeou os existencialismos.

A partir da inauguração no Ocidente deste conhecimento que nós denominamos como propriamente filosófico, a preocupação com o conhecimento do Ser sempre se fez presente, desde os primeiros filósofos. Bastante mais tarde, esse conhecimento do Ser veio se denominar metafísica, quer dizer, é apenas através da filosofia e através do conhecimento metafísico que se pode ter clareza daquilo que nós somos essencialmente, enquanto Ser.

Platão funda um processo através do qual o homem se constitui enquanto filósofo e consegue essa apreensão do Ser. Este processo que Platão funda denomina-se dialética e consiste exatamente no seguinte: Platão escreveu um diálogo intitulado *A República* e, nesta obra, ele imagina um lugar ideal onde todas as pessoas fossem preparadas para o conhecimento e um dos primeiros passos para o processo dialético era o atletismo. Na verdade, Platão se chamava Aristocles, mas possuía este apelido por possuir ombros muito largos. Ele afirmava que, através da saúde do corpo e do desenvolvimento físico as pessoas poderiam se preparar para adquirir o conhecimento pois, com o corpo atrofiado, estanque e parado, naturalmente haveria um movimento intelectual e mental de estar parado também e, neste caso, as sensações seriam falsas. No entanto, esse passo deverá ser superado pelo passo seguinte que é a dedicação à música. Platão receava que apenas dedicando-se ao atletismo o sujeito poderia ficar muito embrutecido e a música, através do compasso e do ritmo concederia a harmonia necessária para que este sujeito, então, se tornasse mais equilibrado e harmonizado. De um lado, Platão coloca o desenvolvimento físico e, de outro lado, resalta a sensibilidade. Mas ainda a música constitui um passo a ser superado e através dessa harmonia o homem poderá estar preparado para chegar até aquilo que Platão denomina epistheme que são os primeiros conhecimentos. Destes, o que mais agradava Platão era a geometria que ele achava que seria o melhor caminho para a filosofia. Isso era tão importante que ele colocou na porta da sua Academia o lembrete: "que só entre nesta casa aquele que fôr geômetra". A geometria é importante porque constitui um

distanciamento da realidade, é o conhecimento das formas e o sujeito pode através do estudo da geometria fazer um movimento intelectual de abstração. Quando se lida com formas geométricas ou com números, lida-se com conceitos. Através das episthemes o sujeito estaria preparado para o conhecimento filosófico porque ele possuiria essa grande capacidade de abstração. Finalmente, o homem está preparado para o conhecimento do Ser que é propriamente a filosofia segundo Platão. Este é identificado com uma luz, com uma iluminação. A ilustração que Platão faz é através do mito das cavernas, quando ele descreve um prisioneiro que vai das profundezas da obscuridade e contempla o sol, a luz. A filosofia para Platão consiste em percorrer o processo dialético até a contemplação de algo que é pre/existente e que não depende do homem para existir. Este é o mundo das Idéias. Platão concebe o mundo como composto por um mundo ideal e um mundo sensível. O mundo sensível é esse mundo objetivo no qual vivemos, em que as coisas estão sempre em movimento, nascem, se desenvolvem e morrem. Os homens estão sujeitos às transformações da natureza e, portanto, estão sujeitos a este mundo que é perecível, de transformação e de movimento. Este nosso mundo concreto só existe porque anteriormente existe o mundo das idéias. O mundo sensível participa do mundo das idéias em maior ou menor grau. O mundo objetivo passa a existir através da composição dos elementos materiais que são o ar, a água, a terra e o fogo. Para Platão é possível se dar o conhecimento do Ser que permanece, que está em um mundo que não possui movimento, que é imóvel, eterno e imutável. Isso é possível porque Platão participava de uma religião que tinha vindo do Oriente. Através de Pitágoras ele tomou conhecimento do Orfismo, o qual possuía uma teoria reencarnacionista que era a Metempsicose. Para Platão o conhecimento pode ser lembrado. Na sua Teoria da Reminiscência ele afirma que é possível o conhecimento do Ser porque algum dia nós fomos apenas este Ser, porque houve uma existência anterior, no mundo das idéias onde todos os sujeitos eram o próprio Ser, a própria Idéia de Bem. Neste mundo das idéias não há idéias negativas, apenas positivas. Há o Bem, há a Beleza, mas não há o mal e o feio. A feiura é a ausência do Belo, assim como o mal é a ausência do Bem. Estas idéias que contém um caráter negativo existem apenas porque há um mundo sensível, do fluir das coisas, da transformação. No mundo das idéias o Bem, o Justo, o

Belo estão em estado de repouso, de permanência. Segundo Platão o filósofo deve percorrer o processo dialético e, uma vez contemplada a Idéia de Bem, ele pode retornar ao mundo sensível e aí se tornará um homem justo e bom. Como nós podemos observar, o sujeito filósofo sofre um processo de transformação. Platão é o único, dentro da história da filosofia ocidental, que afirma que o conhecimento do Ser permite uma transformação concreta no homem. Os demais filósofos mostram que a filosofia é um conhecimento eminentemente teórico e que, portanto, não implica em uma transformação no homem, pelo contrário, fica apenas na instância da razão.

Espelhando-se em Platão surge, contemporaneamente, Husserl, o qual é despertado para a filosofia muito tarde, com mais de quarenta anos. Ele possuía uma preocupação muito grande com a psicologia, pois queria que a matemática fosse o seu modelo para que se constituísse verdadeiramente em uma ciência. Despertado por esta questão da psicologia Husserl também irá se dedicar a instaurar um método para o conhecimento do Ser, portanto, uma metafísica. Ele retira de Platão a expressão eidos e funda a redução eidética. Assim como em Platão, esta consiste em um processo de instaurar alguns passos. O primeiro é quando o sujeito que eu sou coloca entre parênteses tudo aquilo que ele é. E o que eu sou verdadeiramente? Eu tenho emoções, sensibilidades certos princípios, uma ética, uma moral, uma estética, um gosto pessoal algumas preferências, como torcer por um determinado time de futebol ou pertencer a um partido político. Segundo Husserl, deve-se fazer uma suspensão do juízo, deixar de lado todas as crenças pessoais, não levar em conta tudo aquilo que o sujeito é. Resta um Eu despojado daquilo tudo que vive concretamente na sua vida cotidiana. O segundo passo é o da constituição do Eu transcendental. O sujeito deixa de ser pessoal, portanto, perde o nome, passa a ser um Eu anônimo, um Eu qualquer. O terceiro passo consiste em ir reduzindo, no pensamento, tudo aquilo que está sujeito à transformação. Atinge-se um ponto no qual o Eu encontra-se completamente despojado de conteúdos de pensamento. Uma vez chegando a esta dimensão da redução o sujeito transcendental percebe que a razão possui limites. Não se pode racionalizar todos os objetos, portanto, a razão também é deixada de lado e instaura-se um novo processo de conhecimento. No quarto passo quem conhece não é mais o intelecto, como quiz Platão,

mas a consciência, através da intuição filosófica. A intuição filosófica, portanto, constitui uma superação da razão, é um passo além do racional. Para Husserl só é possível um conhecimento dos seres, das essências, das substâncias, através da intuição filosófica. A consciência focaliza o Ser, volta-se para o Ser, doa significado ao Ser. É uma consciência que preenche as essências, as substâncias. Este ato intencional é o que Husserl caracteriza enquanto intencionalidade da consciência. Por este motivo, segundo Husserl, é impossível obter-se um conhecimento exaustivo do Ser.

Para Platão, através da contemplação da idéia o sujeito abraça o Ser de uma tal forma que retorna ao mundo sensível inteiramente transformação. Há um conhecimento exaustivo do Ser em Platão. Ele afirma que é possível um conhecimento absoluto dos seres, das essências e das substâncias.

Husserl possui uma perspectiva dinâmica tanto do sujeito quanto dos objetos. Ele irá afirmar que o sujeito está sempre se voltando para os objetos e que estes estão também sempre em constante movimento e nunca se mostram totalmente. O ser encontra-se sempre velado e a função da consciência é retirar o véu que encobre o Ser. É uma visão bastante dinâmica do Ser. Há sempre um movimento do sujeito como também há sempre um movimento do objeto. Através da intuição filosófica o sujeito só vê uma parte do Ser e, deste, só possui um conhecimento instantâneo, momentâneo, provisório. Segundo Husserl, em nenhum momento o sujeito obterá um conhecimento pleno e total dos seres, das essências e das substâncias. Pelo contrário, o que se terá é a visão de uma perspectiva do Ser.

Segundo Vedanta há, também, um processo pelo qual o sujeito deverá passar para atingir o conhecimento do Ser. O primeiro passo consiste em retirar-se do estado de ignorância.

Para Platão a ignorância era a obscuridade, a trevas, a permanência no fundo da caverna.

Para Vedanta é perceber que eu não me reduzo a este corpo, a esta pessoa apenas que sou eu, sujeito à natureza, ao movimento, à intervenção do outro. Quando o sujeito começa a constatar que o mundo não é apenas aquilo que vê e que pensa, percebe que há um outro

conhecimento que vai afirmar uma verdade, que não vai dar apenas uma ilusão provisória. A grande ilusão, portanto, a maior ignorância, é doar a um objeto qualquer a minha condição de felicidade. O mais comum é o sujeito colocar etapas na sua vida. Neste caso, é necessário passar no vestibular, depois se formar, depois conseguir um bom emprego. Cada vez que ele vai preenchendo estes desejos e as suas satisfações, pessoais, na verdade está criando novas insatisfações. O segundo passo, que também deverá ser superado, como em Platão, vem descrito na Bhagavadgita como KARMA YOGA. Trata-se de um conhecimento que me mostra que, apesar da minha insatisfação, apesar de todos os desejos, é possível que eu aceite todas as coisas que me ocorrem de uma forma tranqüila. Na etapa de KARMA YOGA eu sei que devo aceitar tudo aquilo que vem para mim, mas não na forma da indiferença. KARMA YOGA é a aceitação consciente de que todos os frutos que estão vindo agora, são consequência de ações, que à todas as minhas ações sempre corresponderão frutos. No estágio de KARMA YOGA eu tenho uma plena aceitação, eu recebo tudo aquilo que vem para mim de uma forma absolutamente consciente, sabendo que, enquanto eu estiver na ação, os seus frutos terão de ser aceitos. Na instância de KARMA YOGA há, ainda, métodos para a preparação da mente, para que o sujeito possa atingir o conhecimento do Ser absoluto. Sem preparar a mente não é possível estudar Vedanta. Uma destas formas propedêuticas é a meditação. O sujeito precisa ter a mente preparada, pois, em caso contrário, não conseguirá ficar sentado, escutando simplesmente o silêncio. Esta incapacidade para meditar é apenas um dos sintomas da agitação na qual a mente do sujeito normalmente se encontra. Segundo Vedanta é necessário que o sujeito possua uma mente tranqüila, em estado de paz, de calma, para que possa atingir o conhecimento do Ser absoluto. Todas as práticas de KARMA YOGA deverão estar voltadas para a tranqüilidade da mente. Dentre estas deve-se destacar a prática de entrar mantras, de cantar MALA JAPA, de fazer meditação. A meditação pode ser dirigida ou pode consistir em apenas ouvir o silêncio. A meditação que se segue após uma aula de Vedanta realiza-se na forma de contemplação. Normalmente elege-se o tema do ensinamento daquele dia e faz-se a meditação enquanto contemplação. Esta pode se realizar, ainda, a partir de um som qualquer, como o OM ou sobre um objeto ou uma deidade. A meditação é apenas uma das

ações que vêm descritas no estágio de KARMA YOGA, dentre tantas outras.

O segundo passo, o qual também deverá vir a ser superado é BHAKTI YOGA, a devoção. Nesta dimensão o sujeito compreende que é um sujeito que vive no mundo, que é uma criatura e que há um Criador. BHAKTI YOGA é justamente a relação que eu estabeleço, enquanto JIVA, com o Criador, ISVARA. O terceiro passo, denomina do JNANA YOGA, é a etapa propriamente intelectual, de estudo, de conhecimento, de ensinamento, de uma relação com o mestre. Vedanta não constitui apenas uma filosofia como as de Platão e de Husserl. É mais que uma filosofia, é mais que uma metafísica, pois não consiste apenas no conhecimento do Ser. Vedanta é uma tradição que deve ser transmitida exatamente como é desde os tempos dos antigos RSIS. Vem daí a necessidade dessa aproximação, dessa intimidade do discípulo com o mestre. É apenas através da transmissão do mestre que nós podemos ter uma compreensão clara e objetiva sobre o que consiste, na verdade, este ensinamento. Os textos de Vedanta e, notadamente, a Bhagavadgita, não podem ser lidos, é um conhecimento que passa, naturalmente, pela audição. Eu escuto o ensinamento. É necessário a presença do mestre para que a tradição seja mantida com fidelidade. Vedanta constitui um sistema completo, total e absoluto. Não é possível retirar de Vedanta nenhum estágio. Existem muitas pessoas, no entanto, que permanecem apenas em KARMA YOGA, na instância da ação e aceitação dos seus frutos. Há outras que permanecem em BHAKTI YOGA como é o caso dos HARE KRISHNA que são apenas devotos e possuem um templo de BHAKTI VEDANTA. Há, ainda, aqueles que se dedicam, unicamente a JNANA YOGA. Na verdade, o conhecimento do Ser não implica, necessariamente, em passar por esse processo. Muitas vezes se afirma, por exemplo, que o capítulo 2 da Bhagavadgita contém o ensinamento todo e que, por este motivo, algumas pessoas ao entrarem em contato com este capítulo, passam a ter uma compreensão geral e total do ensinamento. Diz-se que somente a partir do contato com o capítulo 2 é possível que se desperte para o conhecimento que afirma que o que há, unicamente, é Consciência, o Absoluto. Na verdade não há sujeitos, não há pessoas. A compreensão que se deve ter é que há essa Consciência imensa, plena e que Eu Sou esta Consciência.

Portanto, através de Vedanta, não há uma identificação da pessoa que eu sou com a natureza ou com o outro ou com Deus. Não há o outro ou a natureza ou Deus.

Eu sou a pura consciência, eu sou idêntico a Deus. Quando eu levo em conta que estou imersa num mundo objetivo, da natureza, que estou sujeita às intempéries, à intervenção do outro e na medida em que permito que o sentimento pelo outro penetre em mim, que todas as emoções sejam desencadeadas e se isto me causa uma profunda infelicidade, eu sei que neste momento estou mergulhada na ilusão.

Em Vedanta o conhecimento do Ser é muito mais pleno do que aquele abraço que Platão dá na Idéia de Bem. Uma vez imerso no processo de conhecimento, no ensinamento de Vedanta, o sujeito irá necessariamente se transformando.

Ao contrário de Platão, não se trata de um sujeito que penetra no Mundo das Idéias. Em Vedanta há uma identidade absoluta entre o sujeito e o Ser, que é a Consciência.

No mundo ocidental a filosofia de Platão consiste em uma filosofia do absoluto, constitui um sistema fechado, que possui um final, o conhecimento da Idéia. Por outro lado, a filosofia de Edmund Husserl é uma filosofia aberta, da transformação. É uma filosofia que permite que o conhecimento dos seres, das essências e das substâncias se transforme em outros conhecimentos. É uma filosofia que se transforma em ciência ou em método, como, por exemplo, o caso da Sociologia do Conhecimento ou as Psicologia existencialistas. A partir da fenomenologia desenvolveram-se outros movimentos.

Vedanta constitui uma filosofia sistemática, do absoluto e que contém um final. Em Vedanta há uma identidade absoluta entre sujeito e objeto. O ensinamento me mostra que eu vivo em um mundo criado, que é um mundo da criatura, da natureza, mas eu tenho que reconhecer que eu não sou apenas esse sujeito imerso neste mundo. A minha natureza é de felicidade, eu sou feliz. Eu reconheço que a minha felicidade não é depositada em nenhuma condição, em ninguém, em nenhum objeto, em nenhum fato. A principal máxima de Vedanta afirma que o caráter da natureza humana é de felicidade porque eu não sou apenas um indivíduo sujeito a tudo, mas eu sou idêntico à Consciência, eu sou a pura Consciência.

Diferentemente da fenomenologia de Husserl, a consciência, em Vedanta, não se volta para nada, não focaliza nada. A Consciência possui uma luz própria e um brilho que permanece o tempo todo. É uma Consciência ampla e iluminadora, mas que não faz nada, não se volta, não focaliza, não vai em busca do objeto. O conhecimento de Vedanta é o auto/re/conhecimento da Consciência que eu sou. O Eu é pura Consciência. Uma vez imerso no mundo criado, o sujeito se reduz a uma criatura e estabelece uma relação de oposição com o outro, com o mundo e com Deus.

Esse é um conhecimento falso, resultado da ilusão, da ignorância. Na medida em que eu busco um caminho através do qual eu possa me reconhecer enquanto algo que é infinitamente maior do que essa pessoa, do que esse ego, do que esse sujeito com um nome, nesse momento eu estou me retirando da ignorância, eu estou em busca de um conhecimento no qual irei resgatar essa Consciência que eu já sou. Em Vedanta não há um movimento de ascese como quiz Platão, nem um movimento do intelecto apenas, como quiz Husserl. Há um auto/re/conhecimento da Consciência que eu sou.

NOTA

(1) Palestra realizada em maio de 1994 no Centro de Estudos VIDYĀ-MANDIR.